



A REVOLUÇÃO DE 1893 E A ARTE MILITAR



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Diretor do Arquivo Histórico do Exército 1985/1990

Natural de Canguçu-RS. Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e correspondente das Academias de História da Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. Integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Ceará, Mato Grosso etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale-paraibanos (IEV) no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existem 2 exemplares no acervo da FAHIMTB, doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Coursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG 1981-1982; E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto

Histórico e Geográfico de Pelotas. Estudou no Colégio Franciscano em Canguçu 1938/1944 e no Ginásio Gonzaga em Pelotas 1945-1949 e no Ginásio Pelotense em 1950, por ocasião da prestação do Serviço Militar na 3ª Companhia de Transmissões em Pelotas acantonada no 9º RI em Pelotas, e concluiu o Curso Científico na Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre em 1952 de onde seguiu para a cidade de Resende para cursar a Academia Militar onde trabalhou contratado pelo Exército como seu historiador até janeiro de 2019. É professor emérito da AMAN e Acadêmico e Presidente de Honra da Academia Duque de Caxias e Analista de Alto Nível em 1976 pela Escola Nacional de Informações. Possui os cursos de Relações Públicas e de Organização e Métodos pelo DASP ao tempo em que cursou a ECEME e o de Pesquisador de História das Forças Terrestres Brasileiras pelo Estado-Maior do Exército. Sua obra historiográfica civil e militar está preservada no site www.ahimtb.org.br criado e administrado por seu filho Capitão de Mar e Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, Turma Almirante Álvaro Alberto do Colégio Naval 1976 e da Escola Naval 1979, onde hoje em 2021 na Reserva é instrutor de Navegação. (currículo atualizado em 2021)

Artigo digitalizado da publicação Fontes para a História da Revolução de 1893 .In: Anais do II Simpósio realizado em Bagé, de 23 a 31 Outubro de 1990 . URCAMP Editora 1992 para ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB na AMAN, ora em levantamento para inclusão no Sistema de Bibliotecas do Exército.

A REVOLUÇÃO DE 93 E A ARTE MILITAR



Introdução

Todas as lutas internas e externas que envolveram, desde o Descobrimento, o emprego das forças terrestres brasileiras, integram o Patrimônio Cultural Militar Terrestre Brasileiro de que é depositário o Exército Brasileiro. Patrimônio rico em ensinamentos militares capazes de contribuir para o desenvolvimento da Doutrina do Exército Brasileiro no tocante a sua Arte Militar, com progressivos índices de nacionalização. Aliás sonho manifesto pelo Duque de Caxias, ao adotar em 1861 as Ordenanças de Portugal, com adaptações às nossas realidades operacionais, fruto dos ensinamentos doutrinários que colheu nas cinco campanhas que até então comandara e vencera e, com a ressalva: "*Até que se possua uma tática genuinamente nossa*", ou brasileira.

E a Revolução de 1893, ou Guerra Civil 1893-1895, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná não foge a regra.

Alguém afirmou que uma Doutrina Militar é extremamente dinâmica e de que imutável apresenta, a sua constante mudança e o homem, o combatente como líder até à condição de simples combatente. Aspectos atuais e relevantes que serão os objetos focais de nosso ensaio, sem prejuízo de outras considerações para o pensador militar brasileiro e presentes, como ensinamentos decorrentes do estudo militar crítico da Revolução Federalista de 1893. Estudo aqui realizado do ponto de vista estritamente militar, visando a tirar, das lições dos revolucionários e dos republicanos, subsídios à consideração do desenvolvimento da Doutrina do Exército Brasileiro, no sentido da sua Arte Militar, embutida na História Militar do Brasil.

Singularidades da Revolução de 93

É consenso entre os historiadores que a Revolução de 93 se caracterizou por: violência extrema entre irmãos rio grandenses, catarinenses e paranaenses. Radicalismo político extremado; vinganças terríveis; vontade férrea entre os combatentes de lutar e vencer e o uso comum de degolamentos, fato novo nas nossas lutas internas e externas, ao ponto de ser chamada "**Revolução de Bárbaros**", ao contrário da seguinte — a Revolução de 23, chamada de "**A Revolução de Cavaleiros**" e da anterior — **A Revolução Farroupilha 1835—45** inspirada pelos 2 amores — perfeitos inscritos no brasão do Pavilhão da República Rio-Grandense, simbolizando **Firmeza e Doçura**, assim traduzidos conforme escrevemos em **História dos Símbolos do RGS** (Recife, UFRPE, 1971). **Firmeza** traduzida no combate por determinação e vontade férrea de lutar e vencer. **Doçura**, traduzida após a vitória, em respeito, como religião, a vida, a família, a honra, a integridade e aos direitos dos vencidos.

A Revolução de 93 foi um banho de sangue, o maior de nossas revoluções. Por ironia do destino, os líderes políticos das duas facções, filosoficamente pacifistas — Gaspar Silveira Martins, por convicção liberal e Júlio de Castilhos, por convicção positivista, ou como, grande apóstolo, entre nós da Religião da Humanidade, não puderam evitar ou ao menos amenizar referido banho de sangue. Fato que até hoje provoca um complexo de culpa entre os gaúchos pelos padrões de violência atingidos. Isto por contrariar a tradição

de **Firmeza** e **Doçura** mencionadas do gaúcho rio-grandense histórico e da qual os generais Osório, Bento Gonçalves e Antônio Neto foram expoentes, além de outros.

Ângelo Dourado combatente federalista, como médico às ordens de Gumersindo Saraiva em sua **Grande Marcha de 1200 Km**, assim depôs em sua obra **Voluntários do Martírio. "A Revolução de 93 é a mais horrorosa que o tempo registra"**. Por esta razão os historiadores a tem procurado omitir para não reabrir feridas cicatrizadas.

Tenho a visão histórica das conseqüências funestas que ela teve para minha terra natal Canguçu- RS. Eduardo Wilhelmy que a conheceu próspera e feliz registrou: **"Canguçu sofreu uma recessão e retrocesso econômico com a Revolução de 93"**.

Famílias tradicionais migraram deixando casas em abandono. A igreja foi profanada ao ser usada como estribaria e seus livros históricos extraviados. Filhos de famílias tradicionais foram na condição de combatentes civis degolados em grande número no Sítio do Rio Negro, em Bagé, enlutando a comunidade e dividindo-a profundamente.

"Quem não conhece sua história corre o risco de repeti-la".

E o que acaba de ser escrito até aqui é a primeira lição preciosa a ser retirada de 93 para todos os brasileiros e para os estudos da História Militar em suas novas dimensões relacionadas com o evitar -se guerras e revoluções e não só, em bem as conduzir á vitória.

Por coincidência ligam-se a Canguçu as maiores lideranças militares da Revolução.

O general Hipólito Ribeiro, o vencedor de Inhandui era canguçuense Gumersindo Saraiva - **"O Napoleão dos Pampas"** era filho e neto de canguçuenses , segundo o genealogista Carlos Rheingantz.

Hipólito Ribeiro perseguiu e derrotou, após, os chefes responsáveis pelo massacre de canguçuenses e piratinienses e bageenses inermes no sítio do Rio Negro.

A Revolução durou 11 meses, fez 1000 vítimas e causou enormes prejuízos econômicos.

Suas causas até hoje não estão esclarecidas o suficiente, bem como as causas da violência que a envolveu de forma inusitada.

Lideranças militares A liderança militar é um dos mais importantes elementos do fator militar. Na Revolução de 93 alguns líderes como o Marechal Floriano Peixoto e o Cel. Ernesto Gomes Carneiro do lado governista e o general Gumersindo Saraiva do lado revolucionário, tiveram papel decisivo nos rumos da Revolução. Isto pelas excepcionais qualidades de liderança militar reveladas e, por isso, exemplos permanentes para o estudo crítico de liderança militar brasileira, em qualquer tempo , além de exemplos de sublimação de algumas Virtudes Militares como Coragem, Bravura, Devotamento, Desprendimento entre outras:

Floriano Peixoto. Se celebrizou como tenente no comando de esquadrilha naval no rio Uruguai, fração que combateu elementos navais que faziam a ligação das tropas paraguaias que invadiram o Rio Grande do Sul em 1865 e que se deslocavam por ambas margens do rio. No combate estratégico a Revolução de 93 evidenciou qualidades de liderança como coragem pessoal, firme determinação, espírito ofensivo, grande capacidade de organização, energia férrea e vontade inquebrantável, além de grande

autoridade, ao substituir chefes de prestígio quando se mostraram fracos e vacilantes. Mereceu o epíteto de — **Marechal de Ferro**.

Cel. Ernesto Gomes Carneiro. Na épica resistência que comandou na Lapa-PR, de 14 jan — 12 fev 1894, sob cerco federalista, comportou-se com tal valor, pertinácia, bravura e coragem que escreveu uma das mais belas páginas de nossa História Militar. Mostrou-se determinado, preocupou-se em preparar seus soldados para a luta, levantar-lhes o moral, obter reforços e suprimentos. Esteve sempre a frente dos acontecimentos sem se *deixar* influenciar por boatos alarmistas. Demonstrou coragem física e moral, energia, espírito de sacrifício, perseverança e entusiasmo contagiantes. Ferido mortalmente repetia em caminho. **"É uma glória morrer-se pela causa sacro santa da República"**. Os soldados vendo-o passar muito pálido gritavam-lhe: **Viva a República !**. Resistiu 32 dias na Lapa. Somente sua morte fez cessar a resistência. Esta fora compatível para que o governo concentrasse em Itararé, reforços suficientes que impediram que Gumersindo Saraiva prosseguisse para o Rio. Floriano ao saber da queda militar da Lapa concluiu — **"Então Gomes Carneiro morreu ! "**

Sua vida e obra são estudadas pelo Cel. J. B. Magalhães em **Consolidação da República**. (Rio, BIBLEX, 1977). E seu nome foi consagrado como denominação histórica do 7º Batalhão de Infantaria Motorizada , hoje articulado em Santa Cruz do Sul . depois de longa permanência em Santa Maria -RS

General Gumersindo Saraiva. O chefe revolucionário Gumersindo Saraiva revelou as seguintes qualidades de líder militar: Coragem física e moral, energia, espírito-sacrifício, audácia e afetividade por cada um de seus homens que em conjunto denominava **"o meu cardume"**. Foi exemplo de rusticidade e de sinceridade de propósitos na defesa de seus ideais.

Dele diz a **História do Exército Brasileiro - Perfil Militar de um Povo**. (Rio, EME, 1972, v.2, p.697) citando José Lavrador:

"Audaz e intrépido guerrilheiro, na sua grandeza d'alma, tinha o mais elevado conceito de noção de cavalheirismo. Era este o segredo de sua força que eletrizava multidões, fascinando também o seu bravo e leal adversário. E, assim como execrava a traição mesmo a dos inimigos, era um feticlista da bravura, da magnanimidade e do altruísmo".

Em artigo na **Revista Militar Brasileira** (jul/ago 1974, p.78) sob o título **"Santa Vitória do Palmar na História Militar"** sobre ele escrevemos com o apoio em pesquisa histórica crítica, realizada pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, em 1964:

"Gumersindo Saraiva. Na malfadada Revolução de 93, foi de sua estância em Curral dos Arroios, em Santa Vitória-RS, que partiu o maior líder de combate federalista, no sentido técnico-militar. Autêntico líder nato, sincero de propósitos, justo, rústico, corajoso, audaz e afetivo a seus liderados, conduziu seus homens desde o Rio Grande até o norte do Paraná, arrastando toda a série de dificuldades através de 1.200 Km de marcha.Com sua morte em ação em 10 Ago 1894, em Carovi, a revolução entrou em declínio!"

A citada obra de Ângelo Dourado permite valioso e realista estudo crítico de sua liderança. (*) Sejanos Dorneles de Santa Vitória do Palmar e membro do IHTRGS acaba de biografá-lo.

Existiram líderes legalistas como os coronéis Carlos Teles e Arthur Oscar de Andrade Guimarães que vão ter destaque no combate a guerra de Canudos, bem como o general Carlos Maria da Silva Telles que foi herói do cerco de Bagé e mais o Senador José Pinheiro Machado, civil veterano da guerra do Paraguai, que revelou-se líder militar de rara bravura e que irá dominar o cenário nacional até 1915, data do seu assassinato pelas costas, no Hotel dos Estrangeiros, no Rio de Janeiro.

Forjou-se nesta revolução o Libertador do Acre, o gabrielense Plácido de Castro, um interessante e instrutivo exemplo de liderança militar nata.

Arthur Ferreira Filho em **Revolução e Caudilhos** estuda os perfis dos republicanos: general Hipólito Ribeiro o vencedor de Inhandui e o vanguardeiro de Andrade Neves no Paraguai, o general Francisco Rodrigues Lima, veterano do Paraguai e o dos irmãos Pinheiro Machado e dos federalistas Gumersindo Saraiva e Juca Tigre.

Foi encarregado da defesa de Canguçu na Revolução de 93, nada menos que o já octogenário, velho farrapo, mas ainda muito ativo-o Coronel J. Manoel Alves da Silva Caldeira ao qual devemos o traço do perfil militar dos mais expressivos líderes militares farrapos conforme o biografamos na **RIHGRS**, 124 (p 39-41). Não pode deixar de ser considerado como grande exemplo de liderança militar o Almirante Luiz Philippe Saldanha da Gama, o último comandante do Exército Federalista que tombou morto, heroicamente, em Campo Osório, fato muito bem estudado por Ivo Caggiani ao biografar o general João Francisco.

A influência doutrinária militar da Revolução Farroupilha se fez presente na Revolução de 93, ocorrida 48 anos após e cuja lembrança ainda esta bem viva, a semelhança da participação da FEB na última guerra há 45 anos e com muitos veteranos ainda vivos.

O combatente da Revolução de 93

O combatente símbolo da Revolução de 93, tanto entre os republicanos como entre os federalistas foi o gaúcho, segundo a citada pesquisa realizada pela Escola de Estado-Maior, este combatente revelou-se sensível as seguintes qualidades de liderança militar: Exemplo de chefe, coragem física, entusiasmo e afetividade, principalmente os revolucionários. Em ação este combatente revelou-se audaz, corajoso, bravo, sentimental, com grande capacidade de improvisar e adaptar-se, muito belicoso e, violento na represália. Esta última característica é atribuída por alguns a presença entre os federalistas de gaúchos uruguayos e argentinos acostumados em seu país a prática da degola de adversários. Existe corrente que atribui a violência inaudita ao radicalismo político, comprovação por outro lado de que o soldado brasileiro normalmente tolerante, generoso e humano pode se modificar aceitando a luta no nível que ela for conduzida. Do lado federalista o combatente revelou uma rusticidade incomum e grande capacidade de sofrer privações no tocante a alimentação e, até fome. Daí o nome **Voluntários do Martírio**, do livro de Ângelo Dourado. Ele conseguiu atravessar os sertões do Paraná e Santa Catarina alimentando-se de pinhões ali abundantes.

Guerra a gaúcha

A guerra na Revolução de 93 teve característica da guerra a gaúcha, modalidade desenvolvida no Rio Grande do Sul desde as invasões espanholas de 1763 a 1774. Ou seja, a guerra sempre móvel, em campanha raza a base de Cavalaria, marcada por entreveros e desengajamentos rápidos. Neste tipo de guerra contava muito a coragem pessoal no combate corpo a corpo, a lança e a espada, nos golpes de surpresa e astúcia. Estas marcas registradas da **guerra a gaúcha**, combinada com grande mobilidade. Guerra presente na Coluna Prestes, como comprovou o historiador Fernando O'Donnel Filho.

Era a guerra que tirava o máximo partido da Surpresa e da Manobra, do que resultava um bom grau de Segurança. O poder de fogo dos republicanos era mais expressivo. Usaram metralhadoras e canhões. O comandante da Artilharia legal em Inhandui foi o Capitão Setembrino de Carvalho, mais tarde pacificador da Revolta do Padre Cícero, no Ceará, Revolta do Contestado 1814 e Revolução de 1923 no RGS e Ministro da Guerra. Enfim o Pacificador do século XX.

Alguns ensinamentos

- Os republicanos e federalistas não dispuseram do Sistema Logístico que ao final da guerra do Paraguai havia funcionado a contento sob a égide do Quartel Mestre-General do Exército.

Ainda em Canudos esta grave lacuna se fez sentir e só foi solucionado pessoalmente pelo porto-alegrense General Machado Bittencourt, então Ministro da Guerra e por esta razão hoje patrono da Intendência do Exército.

Os contendores usavam recursos locais, que foram escassos para os federalistas na travessia dos Sertões de Santa Catarina e Paraná, conforme registra Ângelo Dourado na sua obra referida.

— A Revolução mostrou a aptidão de nosso combatente para a defesa de localidades como foi o caso dos cercos de Bagé (24 Nov 93 — 8 Jan 94) por 77 dias; da Lapa (14 Jan - 12 Fev 1894) por 32 dias; Palmeira das Missões (9 — 18 Jun 95) por 9 dias e o assédio de Santana do Livramento (20 Fev — 17 Mar 1893) por 27 dias.

Confirmaram-se mais uma vez como caminhos de invasão do Rio Grande, a partir do Uruguai, as linhas secas que incidem sobre Bagé e Santana do Livramento. Não foi usado o caminho pelo litoral, Chui-Rio Grande.

— Ocorreram casos de confrontos entre quadrados de Infantaria e Cavalaria, no combates das Traíras, estudado pelo Cel da Brigada Militar Hélio Moro Mariante e no Rincão dos Mellos, próximo a Pulador no caminho de Cruz Alta. O último, em 26 Jun 1894, do que resultou pesadas perdas em vidas, num sangrento combate de 6 horas. Os federalistas percebendo que o vento soprava contra os republicanos de Salvador Pinheiro Machado, reeditaram os argentinos em Passo do Rosário, em 20 Fev 1827. Atearam fogo no campo.

A esta altura premidos pela realidade, os federalistas dispunham de valorosa mais diminuta Infantaria, segundo ainda Ângelo Dourado.

Enfim, a Revolução de 93 por ocasião de seu centenário, ensejará muitos estudos. Para os militares brasileiros, o estudo deverá atender o que disse o Marechal

Ferdinand Foch, o comandante da vitória aliada na 1.^a Guerra Mundial e ex professor de História Militar na Escola Superior de Guerra da França

Para alimentar o cérebro do Exército na paz e melhor prepará-lo para a eventualidade de uma guerra, não existe livro mais fecundo para meditação do que o da História Militar".

Quanto as razões das causas de violência inusitada nesta guerra, parece problema da Psicologia, da Sociologia e Antropologia, do que da História Militar. Em síntese tarefa para a Psicologia Social).

Mas é uma resposta relevante que se impõe, para que não se repita mais uma revolução, caracterizado pelo Cel Hélio Moro Mariante, Vice Presidente do IHTRGS, ***"como movimento de rancor, de ódio, de represálias e de vindita entre irmãos".***

Que seja respeitada e cultuada a tradição gaúcha de **Firmeza e Doçura**, em todos os tipos de disputa no Rio Grande do Sul, atual e futuro.

Outros trabalhos do autor sobre o assunto

Sobre a Revolução Federalista de 1993 que se insere no contexto da Guerra Civil 1893-1895 e Revolta na Armada 1893-1894 produzimos os seguintes assuntos

BENTO, Claudio Moreira , Canguçu reencontro com a História um exemplo de reconstituição de Memória comunitária. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1983 1ed e 2ed ampliada Resende:AHIMTB/ACANDHIS, 20^o7~

BENTO, Claudio Moreira - O Massacre do Rio Negro em Bagé, p. 123/134; - A Revolução Federalista em Canguçu-RS, p. 139/160; e o O Cel Carlos Maria da Silva Telles (Bagé), p. 135/138 Revista do Circulo de Pesquisas Literárias (CIPEL), 1993, ,

..BENTO, Cláudio Moreira - Os Cercos de Bagé e da Lapa duas Resistências Épicas da História Militar do Brasil **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n^o 767, janeiro/março 1995.p.133ss.

BENTO, Cláudio Moreira - A Resistência ao Cerco da Lapa e suas Repercussões Estratégicas; **In Anais do Congresso do Centenário**, Curitiba,

BENTO, Cláudio Moreira - Repercussões do Combate do Cerro do Ouro na Invasão do Paraná em 1894;**A Defesa Nacional**.n^o766, out/dez 1994

BENTO, Cláudio Moreira - **História da 3^a Região Militar (1889-1953)**; Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, s.n., 1995, II volume(Aprofundamento no assunto do ponto de vista do Exército com apoio em fontes históricas do arquivo da 3^a Região Militar.a Capítulo 7 p77\143.é fonte importante do ponto de vista do Exército que até então não lhe era feita juíça...

BENTO, Cláudio Moreira - General Hipólito Pinto Ribeiro (1824-1900), um Consolidador da República; **In Anais do Congresso Nacional de História, IHGB**, 1989, vol. 3, cit.

BENTO, Cláudio Moreira - Contribuição Paulista ao Combate à Revolução na Armada (1893-1894). e à Guerra Civil (1893-1895);In **A Defesa Nacional**, Rio, n^o 769, julho/setembro de 1995.

BENTO, Cláudio Moreira - Centenário do Sítio Federalista de Bagé; In **A Defesa Nacional**, Rio, n^o 763, janeiro/março de 1994.

BENTO, Cláudio Moreira - O Centenário da Revolta na Armada Esquadra;In **A Defesa Nacional**, Rio, n^o 762, outubro/dezembro de 1993.

BENTO, Claudio Moreira. O Massacre Federalista do Rio Negro em Bagé. Em 28 novembro 1893 **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**,154(378):55-88, jan/mar 1983.

BENTO, Claudio Moreira. Centenário do Marechal Floriano Peixoto. **A Defesa Nacional**,

BENTO, Claudio Moreira Marechal Jsé Caetano de Farias projeção como chefe do Estado –Maior e Ministro da Guerra. **A Defesa Nacional**.nº 724, mar/abe, 1986, p.93/124.

BENTO, Claudio Moreira. O Centenário da Revolta na Armada. **A Defesa Nacional**. nº762,out/dez993, p.25/58.

BENTO, Claudio Moreira. Contribuição paulista ao combate da Guerra Civil 1893/1895.**A Defesa Nacional** nº 769, ,jul/set 1995.p.119/140.

BENTO, Claudio Moreira. Marechal Floriano Peixoto .Centenário de Morte. **A Defesa Nacional**.nº 771,1996,1º trim.

BENTO, Claudio Moreira. A Pacificação da Revolução de 1893. **A Defesa Nacional**.nº 771, 1996, 1º trim

BENTO, Claudio Moreira, Centenário da inauguração em Rio Grande-RS do 1º Quartel General do Exército no RGS. **A Defesa Nacional**. nº767,jan/mar 1995,p.103ss.

BENTO, Claudio Moreira. Centenário do sítio federalista de Bagé. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**,154(381):172-181,out/dez 1993.

BENTO, Claudio Moreira.A intervenção estrangeira durante a Revolta na Armada.**Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**,154(379):231-268)abr/jun 1993

BENTO, Claudio Moreira et Luiz Ernani Caminha Giorgis. Brasil Lutas Internas 1500-1916 Contestado.Resende:FAHIMTB/IHTRGS,2016.